

“FAZEMOS DIFERENTE NÃO PARA IMPRESSIONAR AOS OUTROS MAS PARA DIFERENCIARMO-NOS DAS OUTRAS INSTITUIÇÕES”

o O director da FCSH, Wilson Profírio Nicaquela no balanço do ano 2020 diz que a instituição que dirige não desapareceu do mapa académico ao nível nacional e internacional faz parte de grandes fóruns;

o Conseguimos mobilizar grande número de intelectuais de referência nacional e internacional para estarem connosco a partilhar as suas experiências;

o Conseguimos nos reinventar e estar na mesma altura de outras instituições que estão a funcionar a mais de vinte anos;

o A FCSH deve constituir um espaço de diálogo contínuo da sociedade;

o É importante que cada um de nós se sinta gestor desta faculdade.

Leia entre as págs 06 a 10



Pub



**OFERECEMOS CURSOS
BÁSICOS DE
INGLÊS, FRANCÊS
E ITALIANO
INSCREVA-TE JÁ**



FORTALEZA DE S. SEBASTIÃO(CECROI) FCSH



84 7933030 - 86 9222945 - 84 0721012



Centro de Estudos Culturais e Religiosos - CECROI/FCSH/UniLurio

Dois anos depois da sua instalação

“O CECROI RESTABELECEU UMA CONEXÃO ENTRE A ILHA DE MOÇAMBIQUE E O MUNDO ÍNDICO ATRAVÉS DE ESTUDOS CIENTÍFICOS”

– Considera o director do CECROI, Innocent Abubkar

A Direcção do Centro de Estudos Culturais e Religiosos do Oceano Índico (CECROI) avalia positivamente o seu desempenho e diz que volvidos dois anos desde a sua inauguração, o centro conseguiu restabelecer uma conexão entre a Ilha de Moçambique e o Mundo Índico através de estudos científicos.

Inaugurado pela Presidente da Re-

banhados pelo Oceano Índico.

Para cumprir com esta missão, desde a sua criação, informa o respectivo director, Innocent Abubkar, o CECROI tem estado a realizar principalmente as actividades de pesquisa e extensão da FCSH, oferecendo cursos de curta duração, consultoria em várias áreas de acção e de conhecimento, para além de conferências, palestras, seminários

se realiza em termos de pesquisas, estudos científicos, simpósios e conferência em todas essas ilhas: Reunião, Madagáscar, Maiote e Zanzibar, o CECROI é convidado a apresentar alguma coisa sobre a Ilha de Moçambique”.

O director do CECROI diz que o centro que dirige reactivou uma parceria que se encontrava adormecida entre a Ilha de Moçambique e o mundo Índico, sob ponto de vista de pesquisa e de partilha de conhecimentos científicos.

Convidado a avaliar as actividades desenvolvidas no presente ano, o dirigente considerou o ano de 2020 como atípico, mas refere que “a Covid 19 obrigou-nos a rever o nosso plano de actividades. Porém, apesar disso, fazemos uma avaliação muito positiva, não porque fizemos as actividades como devíamos fazer, mas porque conseguimos nos adaptar e fazer o máximo que se pode fazer numa situação atípica como esta. Além de conferências sobre cultura e projectos de desenvolvimento no norte de Moçambique que organizamos de forma presencial em Março, realizamos outras actividades através das plataformas digitais”.

A fonte diz que as tecnologias de informação e comunicação ajudaram, sobremaneira na execução das suas actividades, entre elas, contam-se conferências, workshops sobre escrita académica e uma pesquisa de um trabalho que foi apresentado no dia

Cont. pág.3



Créditos: Faizal Raimo

Innocent Abubkar Director do CECROI

pública, Filipe Nyusi a 16 de Setembro do ano 2018, quando a Ilha de Moçambique celebrava os seus duzentos anos como cidade, o Centro de Estudos Culturais e Religiosos do Oceano Índico, tem a missão de investigar, sistematizar e disseminar as dimensões naturais, socioculturais, religiosas, históricas e simbólicas da Ilha de Moçambique e dos territórios

e workshops envolvendo a comunidade local, regional e internacional.

Portanto, segundo Abubakar “ nestes últimos dois anos, o CECROI afirmou-se como interlocutor entre a Ilha de Moçambique e os outros países banhados pelo Oceano Índico, tendo contactos regulares com os centros de todas as ilhas deste oceano” a fonte continuou apontando que “tudo o que

Ficha técnica:

O Macuthi
Boletim Informativo da FCSH

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Lúrio

Ilha de Moçambique | Rua: Pedro Álvares | Bairro: Museu | E-mail: rpcifcsh@unilurio.ac.mz|+258 878300752

Director: Wilson Profírio Nicaquela | **Editor:** Faizal Ibramugy Abdul Raimo | **Revisão:** Albino Oreste Muatuca, Beatriz Chalucane, Nildo Eugénio Diogo | **Redação:** Faizal Ibramugy Abdul Raimo | **Fotografias:** Faizal I. A. Raimo | **Maquetização:** Faizal Ibramugy Abdul Raimo | **Distribuição:** Electrónica

Mundial da escravatura. Para além destas actividades “temos sido convidados para participar em iniciativas de organizações parceiras a realizar esse tipo de actividade, e através disso, os nossos colegas já foram para Zimbabwe, França, Portugal, entre outros, para partilhar conhecimentos e socializar resultados de pesquisas. No que diz respeito à formação e à consultoria, essa é a maior oferta para comunidade local e nacional”.

Refira-se que o CECROI presta serviços de Consultoria, Monitoria e Assistência técnica nas áreas ligadas à prestação de serviços de informática, planeamento, organização e promoção de eventos em animação turística, desenho de projectos de estudo e intervenção para o desenvolvimento socioeconómico e ambiental, desenho, montagem, organização e promoção de eventos de animação turística, desenho de planos de comunicação e marketing, recrutamento, selecção e formação de inquiridores de pesquisas, análise de políticas públicas e monitoria e avaliação de projectos comunitários.

Em termos de cursos, o CECROI tem estado a oferecer cursos profissionais de curta duração sobre Metodologia de Pesquisas Qualitativas, Relações Públicas, Guias Turísticas, para além de cursos de línguas para desenvolver e aprimorar a competência e a performance, isto é, a compreensão e a produção, das quatro habilidades de linguagem: ler, escrever, falar e ouvir simultaneamente. São os casos das línguas: inglesa, inglês para Guias Turísticos, português para estrangeiros, língua chinesa, língua francesa, Francês do Turismo e Hotelaria, Francês para Guias Turísticos, língua italiana, árabe, língua macua e a língua Ki-swahili.

“Este ano, devido ao impacto negativo da covid19, não realizamos nenhuma formação para o público. Porém, realizamos eventos formativos de partilha de conhecimento entre os membros da nossa equipa, onde convidamos quatro investigadores que partilharam os seus trabalhos”, frisou o director do CECROI, Innocent Abubakar.

Em termos de desafios, o nosso interlocutor disse que o centro que dirige clama por recursos, tanto humanos como financeiros. “Até hoje o CECROI não tem pesquisadores e investigadores a tempo inteiro. Os recursos humanos do CECROI são os da FCSH, jovens com energia e em construção de carreira. Para ajudar esses a construir habilidades como pesquisadores, tivemos um ciclo de conversas com pesquisadores renomados a nível nacional e internacional, convidamos pesquisadores moçambicanos e estrangeiros para socializar a sua experiência connosco e para nos dar ideias opiniões acerca dos nossos projectos. Neste âmbito já falamos com cerca de cinco Pesquisadores e o ciclo continua”.

Apesar destes constrangimentos, o nosso entrevistado mostra-se satisfeito pelo facto de o CECROI, sendo uma unidade da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH), estar a mudar a dinâmica quotidiana da Ilha através dos Recursos Humanos que se instalam na Ilha para estudar

e trabalhar e acabam sendo moradores da Ilha contribuindo em todas relações e dinâmicas sociais até financeiramente com o seu poder de compra e pagamento do imposto,

CECROI PROCURA FORMAS DE ENVOLVER A COMUNIDADE LOCAL NOS PROJECTOS DE PESQUISA



Créditos: Faizal Raimo

Pormenor do encontro com a Sociedade Civil

O Centro de Estudos Culturais e Religiosos do Oceano Índico (CECROI) está a desencadear uma série de encontros envolvendo as Organizações da Sociedade Civil, religiosas e o sector privado, visando recolher sensibilidades sobre os seus projectos de pesquisa.

O CECROI tem a missão de investigar, sistematizar e disseminar as dimensões naturais, socioculturais, religiosas, históricas e simbólicas da Ilha de Moçambique e dos territórios banhados pelo Oceano Índico.

O director do CECROI, Innocent Abubakar disse que estes encontros visam entre vários objectivos fortalecer o diálogo entre o Centro de Estudos Culturais e Religiosos do Oceano Índico (CECROI) e as lideranças religiosas, da

sociedade Civil e o sector Privado, que funcionam no distrito da Ilha de Moçambique, para que tenham o domínio do trabalho desenvolvido pelo Centro.

Por outro lado, disse aquele responsável, o encontro foi mais um passo para o envolvimento dos líderes religiosos na efectivação dos objectivos primários daquela unidade de pesquisa, extensão e prestação de serviços pertencente à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Lúrio.

Recorde-se que o CECROI foi inaugurado pelo Presidente da República, no dia 16 de Setembro de 2018, quando a Ilha de Moçambique celebrava os seus duzentos anos de elevação à categoria de cidade.

Do seu vasto e rico património arquitectónico

ILHÉUS SE IDENTIFICAM MAIS COM O SOCIOCULTURAL DO QUE O MATERIAL



Parte do vasto e rico património da Ilha de Moçambique

De tudo o que faz da Ilha um património Mundial da Humanidade, os ilhéus se identificam mais com o sociocultural do que o material, conclui um estudo levado a cabo pelos docentes e pesquisadores do Centro de Estudos Culturais e Religiosos do Oceano Índico (CECROI), sobre "os traços socioculturais da construção do património da humanidade sobre as ruínas da escravatura e do colonialismo".

Segundo o estudo, os ilhéus se revêem na diversidade cultural, religiosa, e "racial", nas suas danças, na sua gastronomia e na sua indumentária do que nos monumentos e nos edifícios com toda a sua arquitectura medieval. "Em relação ao património material, o sentimento da comunidade evoluiu bastante, do agressivo que se manifestou logo a seguir à independência, até a indiferença que se mostrou, alguns anos antes da proclamação da Ilha como Património, para se chegar até a tolerância que se manifesta hoje, relativamente a esse património que representa mais as expetências coloniais", refere o estudo de autoria dos docentes e investigadores Innocent Abubakar, Cristóvão Anselmo, Pilale Isekiel, Wilson Nicaquela, Maurício Régulo e Cláudio Zunguene

O trabalho que foi objecto de apresentação durante o 170.º aniversário da abolição da escravatura, no colóquio internacional sobre a escravatura e pós-escravatura, organizado pelo governo das Ilhas Reunião da França, é um estudo multi-interdisciplinar qualitativo, que se apoiou no paradigma interpretativo recorrendo ao cruzamento da informação obtidas em diversos recursos e referências, das quais os arquivos da Administração colonial, os monumentos e espaços registados como lugares de concentração e transição dos escravos, as interações com o público

e com as entidades legais de conservação da Ilha de Moçambique.

E para sua orientação, o estudo partiu de algumas questões básicas a seguir, entre outras: quais são as marcas de resistência, de frustração, de procriação ou de descendência, deixadas pelos escravos que foram transportados da Ilha de Moçambique para as outras ilhas do Oceanos Índico? Qual é o valor, o significado simbólico e a importância acordados pela comunidade da Ilha de Moçambique ao património edificado nos vestígios da escravatura e da colonização?

Justificam os autores, que o estudo foi motivado pela vontade de contribuir para a sustentabilidade do património, pois, a Ilha foi elevada ao estatuto de património mundial da humanidade em 1991, depois de ter conhecido, sem dúvidas, alguns factos históricos que contribuíram na edificação, na transformação ou na evolução deste espaço situado ao largo do Índico. Desses factos históricos não se



pode excluir o colonialismo e a escravatura. Os traços físicos e materiais de tais factos são visíveis a olho nu e são ou foram objectos de alguns estudos, o que não acontece com os traços imateriais e socioculturais, que ainda não são amplamente estudados. Os restos dos navios afundados, os restos dos canhões disparados, a estrutura arquitectónica dos velhos edifícios e fortalezas, são uma componente que testemunha o que a literatura diz, apontando a Ilha ter sido um grande entreposto de negócio de escravos no Oceano Índico.

As reflexões apresentadas neste estudo pelos docentes da FCSH, pretendem tapar essa lacuna científica discutindo as marcas socioculturais do colonialismo e da escravatura na edificação da Ilha de Moçambique que hoje se considera

património mundial.

O estudo recomenda que com a evolução, e com mais projectos de sustentabilidade, pode-se projectar uma era em que os Ilhéus e a comunidade circundante se apropriarão do património material, assim como fizeram com o património imaterial, a título de igualdade com as ex-potências coloniais e traficantes dos escravos.



Destas casas emerge o nosso boletim



Leia e divulgue

O Macuthi
Boletim Informativo da FCSH

“FAZEMOS DIFERENTE NÃO PARA IMPRESSIONAR AOS OUTROS MAS PARA DIFERENCIARMO-NOS DAS OUTRAS INSTITUIÇÕES”

– Director da FCSH, Wilson Profírio Nicaquela no balanço do ano 2020



Wilson Profírio Nicaquela

Director da FCSH na entrevista balanço do Ano 2020

Num ano descrito como atípico em que as aulas presenciais encerraram em Março, e as instituições em Moçambique funcionaram de forma condicionada devido à pandemia do novo Corona Vírus, a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) avalia positivamente o seu desempenho em 2020. O director da FCSH, Wilson Profírio Nicaquela diz que a instituição esteve melhor em 2020 e conseguiu reinventar-se e fazer diferenças ao ponto de equiparar-se com as outras instituições que funcionam no mercado a mais de 20 anos. A FCSH está no mercado a apenas quatro anos, segundo ele, era normal que com o impacto negativo da Covid 19 desaparecesse no panorama nacional e internacional. Contra tudo e todos, Nicaquela diz numa entrevista balanço que concedeu

ao OMacuthi que continua intacta e a fazer diferença. A diferença que a FCSH faz no mercado não é para impressionar aos outros, mas para diferenciarse das outras instituições que possuem faculdades viradas para as ciências sociais e humanas.

Nesta entrevista conduzida por Faizal Raimo, Wilson Nicaquela diz que a instituição que dirige vai continuar a fazer a academia olhando para a realidade que o mundo, o país, a Província e a Ilha de Moçambique enfrentam, devido a nova conjuntura provocada pela Covid 19. O objectivo é tornar a FCSH num verdadeiro espaço de diálogo contínuo da sociedade. Mas para tal chama a atenção dos colaboradores: “é importante que cada um de nós se sinta gestor desta faculdade”, trabalhando para aperfeiçoar com os erros que cometemos, mas também com os erros que os outros vão cometendo e cometeram no passado”. No final desta conversa, o dirigente sonha com um campus na Ilha de Moçambique, mas diz que isso depende muito de condicionalismos financeiros.

Créditos: Faizal Raimo



Créditos: Faizal Raimo

Estudantes da FCSH em pleno processo de rastreio

OMacuthi (OM): Senhor director, 2020 que está a terminar foi um ano atípico devido à pandemia da Covid 19, as instituições no país estiveram a trabalhar de forma condicionada. Ao nível da FCSH que balanço se faz?

Wilson Profírio Nicaquela (WPN): É um desafio enorme, termos que fazer um balanço do ano em curso. Embora a gente esteja numa academia é complexo fazer a autoavaliação. Sendo complexo, eu farei aquilo que é a minha percepção, pode, entretanto, não reflectir necessariamente o que os outros acham de nós. Nesse sentido, embora o ano tenha sido marcado pela pandemia, nós enquanto academia conseguimos nos reinventar e estar na mesma altura de outras instituições que estão a funcionar a mais de vinte anos. Nós não desaparecemos do mapa académico ao nível nacional e internacional, fazemos parte de grandes fóruns. 2020 começou com uma enorme promessa, porque três meses depois do arranque do ano lectivo, organizamos a *Conferência sobre culturas e projectos de desenvolvimento no norte de Moçambique*, que ao nosso nível entendíamos que se tratava de um evento de nível regional, mas que transcendeu o nível a que propusemos. Chegamos a ser sugeridos que assumíssemos que aquela conferência fosse de nível nacional, mas

com a participação de painelistas e conferencistas de nível Internacional. Portanto, começamos o ano com bastante agressividade e com muita sorte, porque no dia em que se realizava essa conferência, (dia 11 de Março) a Organização Mundial de Saúde (OMS), declarava pandemia a Covid19. Corríamos o risco de não realizar, porque dias depois dessa declaração, Sua Excelência o Presidente da República, declarava o primeiro estado de emergência, colocando limites de participantes nos eventos públicos. Vejamos que na nossa conferência, participaram mais de 300 pessoas de nível local, regional, nacional e internacional.

OM: Depois deste evento e com a declaração do estado de emergência, o que se seguiu?

WPN: A seguir a este evento, conseguimos nos reinventar. Transformamos todas as actividades que deveriam acontecer de forma presencial para actividades virtuais e felizmente conseguimos mobilizar grande número de intelectuais de referência Nacional e Internacional para estarem connosco a partilhar as suas experiências ligadas a academia, sobretudo, na

área de pesquisa que é uma das nossas áreas prioritárias. Nós, como uma instituição recém-constituída que ainda não fez quatro anos no mercado e nem graduou sequer único estudante, nos remetemos na busca de experiências de pessoas para podermos-nos reafirmar no contexto regional, provincial e nacional. Buscamos referências nacionais e internacionais, só para dar exemplos a partir da primeira conferência virtual que a faculdade organizou com a Professora Liazzat Bonate, que é uma grande pesquisadora na área do islão ao nível do país e da Costa oriental de África, ela, passou a ser uma convidada constante de várias organizações de nível nacional e internacional. Não estamos a dizer que nós fomos os promotores, mas a partir da forma como ela discutiu connosco despertou a atenção da massa académica nacional e acredito que o nível de aceitação passou a ser outro. Não quero deixar atrás os debates que tivemos com os professores Elísio Macamo, Teresa Cruz e Silva, Marçal Paredes e outros professores renomados de referência nacional e internacional que tomaram parte nesses eventos. Importa lembrar que foi nesse estado de emergência que emergiu o OMacuthi, o boletim informativo da FCSH, como alternativa de fazer chegar as nossas realizações aos outros, tendo em conta que havia restrições de mobilização de pessoas, incluindo jornalistas. Ele edifica-se nesse contexto de emergência e de reinvenção da Faculdade.

OM: Quais foram as outras actividades que mais orgulham a sua direcção neste ano?

WPN: Bom, eu sinto que contribuímos, enquanto uma instituição pública, mas também vocacionada à formação de profissionais de áreas de ciências sociais e humanas, orgulha-me o facto de ter mobilizado estudantes voluntários e terem participado no processo de rastreio contra a Covid 19. É uma actividade que em princípio era reservado às autoridades de saúde. Mas reconhecendo as limitações que o nosso país enfrenta, nós nos oferecemos através de estudantes a fazer esses trabalhos volun-

tários que não envolviam actividades ligadas a terapia e afins, mas esse processo de rastreio. Os nossos estudantes voluntários trabalharam afincadamente por dois meses de forma voluntária. Aquilo para mim foi orgulho, porque todo o mundo perguntava ao passar da ponte que liga o continente e a zona insular, onde nossos estudantes rastreavam usuários, quem são aqueles: a resposta era única, *são estudantes da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Lúrio na Ilha de Moçambique*. sinto-me orgulhoso por ter feito parte e ser mentor do processo de rastreio de pessoas durante o período de estado de emergência.

OM: Em que pé se encontra, o projecto de Plano Estratégico de Turismo (PET) na Ilha de Moçambique que está sendo desenvolvido pela FCSH?

WPN: O PET, projecto de Pesquisa para a elaboração do Plano Estratégico para o desenvolvimento do Turismo na Ilha de Moçambique não deixaria, tal como os outros projectos que temos, de ser afectado pela pandemia do novo Corona Vírus, pois, esta é uma conjuntura mundial. O projecto ficou grandemente afectado, consequentemente os prazos tiveram que ser reajustados, mas neste momento fico satisfeito porque a faculdade já realizou o trabalho de campo, tendo recolhido todos os dados necessários, estando presentemente o nosso parceiro nesse projecto, a Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Estoril no processo de análise. O nosso plano é que até ao fim de ano 2020 se tenha realizado um grande encontro, onde serão reunidos todos os stakeholders do turismo da Ilha, incluindo a Direcção Provincial de Cultura e Turismo para a recolha de sensibilidades. Esta auscultação irá ser decisiva por que até Fevereiro de 2021, deverá ser apresentado o resultado final desse projecto de pesquisa. Neste momento, estamos a dizer que a pesquisa está a passos largos para ser colocada à disposição daqueles que se interessam com o Turismo da Ilha de Moçambique. Feito isso, o passo subsequente será o processo de implementação desse plano.

OM: Director, se fosse para voltar atrás, o que deveria ser melhorado no leque das realizações?

WPN: Bom, por isso o tempo não recua. De igual modo, o arrependimento não muda o curso, só evita cometer os mesmos erros do passado. Portanto, se tivesse que recuar o tempo, ou seja, se não tivesse acontecido a Covid 19, em 2020 a FCSH já teria atingido um outro nível para além daquele que é habitual. Uma das actividades que havíamos planificado era de fazer o Fórum de Turismo da Ilha de Moçambique, que é uma marca indelével da FCSH de uma forma diferente. A nossa ideia era de que a semelhança da Conferência sobre cultura e Projectos

de Desenvolvimento do Norte de Moçambique, mobilizássemos várias instituições para discutir temas ligados ao turismo. Se não fosse a Covid19, ou se tivéssemos que voltar atrás, em Março, eu acho que em Setembro de 2020, nós voltaríamos a realizar uma actividade, não só de reflexão, mas também de partilha de conhecimentos. Há muita gente que produz, realiza pesquisas e não encontra um espaço de partilha, não estamos a falar apenas de pesquisadores da FCSH e/ou da UniLúrio, mas de outras instituições que realizam pesquisas ligadas à nossa temática. A FCSH deve constituir um espaço de diálogo contínuo da sociedade.

OM: Senhor director, o que se pode esperar para 2021?

WPN: Estamos a falar de um período de nova normalidade, onde o discurso é global. Esperamos que em 2021 a gente apareça mais reinventado. Aliás, o nosso desejo é sermos uma outra Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Quando digo outra faculdade, estou a dizer uma Faculdade de Ciências Sociais e Humanas que faz as coisas de forma diferente. O nosso desejo é que o ano de 2021 seja um ano diferente de 2020, mas no sentido positivo. Uma faculdade que incentiva a actividade de pesquisa e que pensa em outras formas de realizar. A pesquisa pode ser feita não necessariamente recorrendo uma metodologia que se baseia no contacto com a fonte. Se a pandemia permanecer, podemos realizar uma pesquisa com base na observação por exemplo, fazendo o uso de várias experiencias de nossos parceiros. Afinal de contas é possível nós irmos tirando fotografias e fazer leituras. Se as fotografias anteriores mostravam a Ilha de Moçambique muito movimentada, então podemos tirar uma fotografia agora e fazermos uma outra leitura e interpretação. A ideia é a faculdade traçar essas novas formas de fazer ciências a olhar para a realidade que o mundo, o país, a Província e a Ilha de Moçambique está a enfrentar que é o inimigo invisível, a Covid 19.

OM: Na FCSH funciona o Centro de Estudos Culturais e Religiosos do Oceano Índico (CECROI). Que avaliação o Senhor director faz desta instituição?

WPN: Quando foi implantado o CECROI na Ilha de Moçambique, o objectivo, era de rebuscar, reconstruir e recriar aquilo que foi e é a tradição, a cultura, os hábitos autóctones, mas não só da Ilha de Moçambique, porque a olhar pelas cara-



Director da FCSH na Conferência sobre culturas e projectos de desenvolvimento no norte de Moçambique

Créditos: Cefo Assimilado

Créditos: Faizal Raimo



Créditos: Faizal Raimo

Colectivo de direcção da FCSH

cterísticas da Ilha é possível ver um mosaico sociocultural. Neste período da sua estabilização ou afirmação, o CECROI tenta buscar as origens e traz à disposição do público para perceber até que ponto a Ilha de Moçambique constituiu um grande interposto, antes e depois da penetração colonial no nosso país. No nosso entender o CECROI serve como um motor das pesquisas ao nível da FCSH. O CECROI é mais uma valia porque para além de ser um espaço de diálogo religioso, é espaço onde se antevê a promoção de debates e troca de ideais entre as várias ceitas dentro da mesma religião e de vários seguimentos religiosos. Nós não trabalhamos com o islão apenas, não trabalhamos com o cristianismo, não trabalhamos com as religiões africanas e ou igrejas protestantes, nós trabalhamos com todas as religiões. O CECROI é uma instituição académica e científica que tem por objectivo trazer o diálogo que desde caracterizou o espaço geográfico da Ilha de Moçambique.

OM: Senhor director, a comunidade da Ilha de Moçambique, pode esperar por novos cursos?

WPN: É um desafio que a Faculdade ainda tem, a olhar pela conjuntura que estamos a enfrentar. Temos um plano de introduzir um curso. Neste momento já está desenhado e foi objecto de discussão ao nível do Conselho Científico da FCSH. Entretanto, ainda precisa de ser submetido ao Conselho de Faculdade para que depois se proponha a sua apreciação e aprovação ao nível de outros conselhos ao nível da universidade. Refiro-me de por exemplo do Conselho de Pesquisa e Extensão e o Conselho Universitário, este último que é o órgão colegial que tem competências de aprovar e/ou chumbar novos cursos. Mas

se tivéssemos que depender de nós mesmos, gostaríamos de implementar este curso ligado à gestão de instituições públicas. Embora a gente tenha todos os passos feitos ao nível da Faculdade, também não decidimos a real designação, estando ainda em discussão se chamaremos de Administração e Gestão de Instituições Públicas ou Administração e Gestão Autárquica. Estamos a evitar chamar nomes sensacionalistas, só para agradar o momento. Alguém nos sugeria que chamássemos de governação e descentralização, declinamos. Embora a dinâmica social seja algo irreversível e o país esteja a experimentar novos modelos de descentralização, quem estuda ou estudou a gestão sabe que, a descentralização sempre foi e é um modelo teórico que se aprofunda nesses cursos e não é actual essa abordagem.

OM: *FCSH fazendo a diferença* é o lema que a Faculdade adoptou para o presente ano. Senhor director, qual será a orientação em 2021?

WPN: O lema FCSH fazendo a diferença não é um lema anual, mas é uma orientação da nossa governação, porém, foi somente socializado em 2020. No país, existem várias Instituições de Ensino Superior que possuem faculdades de Ciências Sociais e Humanas. Com este lema queremos nos diferenciar de outras faculdades. Enquanto continuarmos à frente da Faculdade, a nossa ideia é continuarmos a fazer diferente na Ilha de Moçambique, na província e no país. Tal como a ciência prevê, estamos a procura por uma hipótese alternativa, por isso, precisamos fazer as coisas de forma diferente daquilo que é comum e habitual (que é hipótese nula). Fazemos diferente não para impressionar aos outros,

mas para diferenciarmo-nos das outras instituições. A nossa ideia é continuar a fazer diferença não para impressionar aos outros, mas para que as pessoas tenham a impressão de que de facto há alguma diferença entre a nossa faculdade e outras da mesma área espalhados pelo mundo. Portanto, fazer diferença é uma utopia que elegi desde a minha indicação como director da FCSH em finais de 2019.

OM: Senhor director, qualquer diferença se faz com recursos humanos comprometidos com a causa da instituição. Que mensagem quer deixar para a massa laboral da FCSH?

WPN: Em termos de mensagem para os colaboradores que são a essência de existência desta Faculdade, não só funcionários, como também estudantes, quero dizer-lhes que precisam acreditar que as coisas podem acontecer independentemente da nossa idade, embora esta jogue um papel muito importante. O Perfil dos colaboradores da FCSH é de uma camada jovem. A sociedade espera de nós uma outra coisa, outra forma de nos comportar, outra forma de agir, de reagir face a situações embaraçadoras e muito mais. É importante que cada um de nós se sinta gestor desta Faculdade, porque o que cada um faz contribui para a diferença que a faculdade pretende estar a fazer. Não temos a competência de avaliar se estamos a fazer ou não a diferença, mas é importante que cada um de nós tenha o sentimento de compromisso e trabalhe com expectativas para o melhor. Tenho partilhado com os meus colegas quando estamos reunidos que, temos de ter poucos receios de cometer erros. É importante que a gente continue a trabalhar para aperfeiçoar com os erros que cometemos, mas também com os erros que os outros vão cometendo e cometeram no passado. A experiência é isso mesmo, é algo que nos toca e acontece connosco. A medida em que o tempo passa é importante que a gente vá capitalizando essa nossa experiência entre as coisas ruins e boas que fizemos, sem, no entanto, conferir quantas vezes a gente caiu ao

longo da caminhada, mas sim contabilizar as vezes que conseguimos nos reerguer para voltar aos carris.

Aos estudantes, devem se sentir donos desta faculdade, porque é com eles que se faz a universidade. Uma universidade sem estudantes não é uma universidade. Ela transforma-se em uma qualquer outra coisa, em um hotel ou casa de hóspede ou outra instituição. Temos que ter compromisso com a causa da instituição, podemos ter diferenças individuais, mas é importante voltar a pensar sobre os objectivos institucionais que estão em cima de nós. Os objectivos institucionais não se alcançam de forma individual, mas de forma colectiva.

OM: Vamos terminar a nossa conversa olhando para futuro, como diz a Magnífica Reitora, Professora Doutora Eng.^a, Leda Florinda Hugo, não se pode parar de sonhar. Para quando o sonho da FCSH de ter campus próprios?

WPN: Para quando? Não podemos precisar neste momento, pois, é dos uns desafios que temos. Precisamos de construir um campus próprio. Aonde? Temos duas possibilidades, a primeira, dentro da Ilha de Moçambique e a segunda, na pior das hipóteses construir o campus na zona continental. Eu uso esse termo, pior das hipóteses, porque o ante-projecto de implantação da FCSH foi mesmo na Ilha de Moçambique, ou seja, na zona insular e não na zona continental. Mas a olhar para a falta de espaços e de infra-estruturas na zona insular, a última alternativa pode aparecer a implantação da FCSH na zona continental. Neste momento a FCSH está a trabalhar no seu plano estratégico para que seja incorporado no plano estratégico da universidade. A FCSH é uma instituição pública, sabemos que no país e na universidade, pararam as obras de construção, talvez se encontrarmos algum financiamento pode acelerar o processo para construção de instalações próprias. A ideia é dentro dos próximos dez anos a FCSH, passar a funcionar efectivamente em instalações próprias. Para tal, é importante que haja um plano que coloca as acções em marcha.



Créditos: Faizal Raimo

Parte dos colaboradores da FCSH numa reunião havida recentemente

ESTE MÊS FESTEJAMOS A DOBRAR

Joana Junior

Para além da festa de Natal e do fim-de-ano, em Dezembro, comemoramos 4 aniversários de três professores e do nosso agente de guarnição. A todos vão as nossas felicitações!

Aestes, os colegas endereçam um feliz aniversário.

“A FCSH FAZ PARTE DA MINHA HISTÓRIA”



Créditos: Nildo Eugénio

Nildo Eugénio Diogo, 31 anos de idade, nasceu a 04 de Dezembro de 1989 na província de Zambézia. Ingressou ao corpo docente da FCSH em 2017 a quando da sua abertura. Actualmente encontra-se a continuar com os estudos em Portugal.

“SINTO-ME FELIZ PELO FACTO DE TER ABRAÇADO O PROJECTO DA FCSH NA SUA PRIMEIRA FASE”

Innocent Hahizimana Abubakar, 42 anos de idade, nasceu em 30 de Dezembro de 1978 em Burunde. Ingressou na FCSH em 2018, actualmente ocupa o cargo de Director do Centro de Estudos Culturais e Religiosos do Oceano Índico (CECROI). Lecciona a cadeira da Língua Francesa no curso de licenciatura em Turismo e Hotelaria.

O entrevistado avalia o ambiente de trabalho da FCSH como um ambiente saudável. Diz que cada interveniente está a dar o seu máximo para o alcance dos objectivos organizacionais. “Pessoalmente não me identifico com a palavra orgulho, posso ficar satisfeito, mas não fico sossegado, sempre penso que se pode fazer mais e crescer mais”, disse acrescentando que, “sinto-me feliz pelo facto de ter abraçado o projecto da FCSH na sua primeira fase e o que mais me marcou nesse período foi o facto de fazer parte de um grupo de desbravadores, jovens que poderão contar a história da Faculdade daqui a alguns anos. De forma particular já representei a Faculdade em duas formações, uma em 2018 nas ilhas de reunião cujo o objectivo era de aperfeiçoar mais sobre a elaboração do material para ensino de Francês na Universidade, e outra formação em 2019 para examinadores de proficiência linguística de todos níveis da língua Francesa”, disse, apontando que nessas formações obteve um benefício

O aniversariante conta que o que mais lhe marcou nesse percurso foi, em termos profissionais, “a própria abertura da faculdade que em meio a dificuldades foi pedra a pedra se erguendo. Paralelamente a isso, marco-me também a abertura da biblioteca da FCSH, umas das maiores salas de leitura da Universidade na época”. Em termos pessoais, Nildo disse que a FCSH faz parte da sua história, “olhando para tudo que aprendi e tenho estado a aprender com esta família FCSH”, acrescentou.

Dr. Nildo como é carinhosamente chamado pelos colegas diz que “o ambiente de trabalho na FCSH é bom, que obviamente deverá sempre ser regado com o desenvolvimento do espírito de equipa e entre ajuda no seio de todos os colaboradores”. Por isso, apela aos colegas a consolidarem cada vez mais o espírito de pertença e entrega ao trabalho que desenvolvem em prol do crescimento da FCSH.

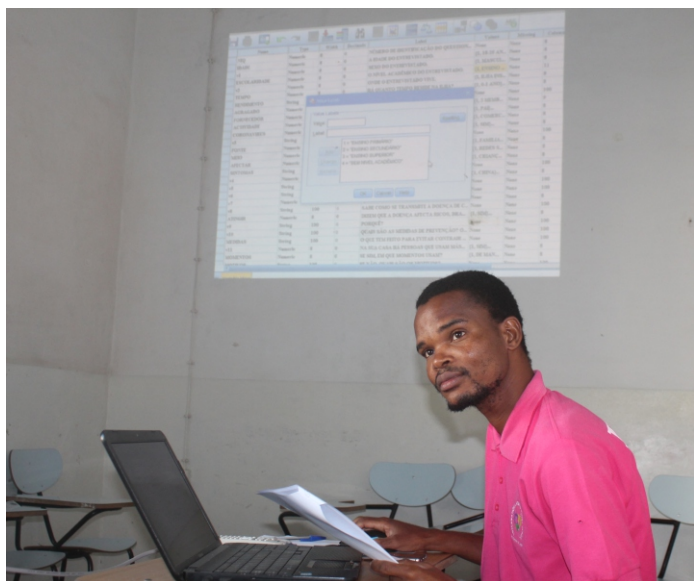
DR. Nildo é também revisor deste boletim informativo.



Créditos: Faizal Raimo

enorme sob ponto de vista académico, assim como de internacionalização e cooperação da própria FCSH. Innocent, encoraja a todos que não conhecem e os que conhecem, mas que não residem a visitar a Ilha de Moçambique, pois, segundo ele, “a Ilha é um lugar acolhedor que se parece pequeno, mas tem lugar para todos”.

“O AMBIENTE DE TRABALHO NA FCSH É MARAVILHOSO, IRRESISTÍVEL E ACOLHEDOR”



Créditos: Faizal Raimo

Cleiton Fernando Pinto Celestino, 29 anos de idade, nasceu em 30 de dezembro de 1991, na Cidade e província de Nampula, ingressou nesta Faculdade em Fevereiro de 2019. Actualmente ocupa o cargo de chefe do Departamento de Economia e Gestão, igualmente lecciona as disciplinas de Processos Sociais I e II no curso de Desenvolvimento Local e Relações Internacionais.

O entrevistado avalia o ambiente de trabalho como maravilhoso, irresistível e acolhedor, “existe no coração dos colegas uma sintonia nos objectivos a serem alcançados. É como compromisso entre a causa e o respectivo efeito, não tem como separar essa relação de cumplicidade e entrega incondicional”.

“Senti-me mais orgulhoso quando organizamos e participei numa conferência que contou com 50 comunicadores a desenvolver uma grande experiência, cujo tema da conferência era sobre o desenvolvimento no Norte de Moçambique”, disse O aniversariante deixa alguns conselhos para os colaboradores recém chegados “em qualquer ambiente que seja há sempre uma construção de realidade que não corresponde a do que se encontra no terreno, mas aos novos colaboradores, eu fico mais feliz em dizer que viver cada minuto no novo lugar e do modo mais saudável pode abrir uma visão mais positiva e colaborativa. Não existem milagres ou vias alternativas para superar as nossas dificuldades no trabalho, a não ser pela atitude colaborativa e a consideração de diversidade comportamental existente nesse meio. Por isso, para os novos colaboradores a palavra que acho ser mais importante para eles é resiliência”.

“TENHO UMA BOA RELAÇÃO COM OS MEUS COLEGAS”

Sumaila Daniel nasceu em 12 de Dezembro de 1978, no distrito da Ilha de Moçambique, província de Nampula. Ingressou na Faculdade em Agosto de 2018, na altura como jardineiro, mas actualmente trabalha como guarda. Antes desta instituição terá trabalhado no hotel Muipite, casa branca, hotel Musseleliua, hotel Feitoria, casa do Quintalinos, exercendo a função de jardineiro em todas instituições em que terá trabalho.

Na FCSH “o que mais me marcou é o facto de estar a conseguir pagar as minhas contas com o salário que recebo”. O aniversariante avalia positivamente o ambiente de trabalho na instituição e diz que a comunicação e a relação com os colegas é saudável.

“Tenho uma boa relação com os meus colegas”. O entrevistado diz que apesar de ser guarda, não se sente excluído, porque sempre que a faculdade promove um evento é solicitado para participar e/ou a ajudar nas actividades e vem ganhando experiência em outras áreas.



Créditos: dr. Bernardo